

# Excesso de submissão

**SOBERANIA** O governo Bolsonaro só entrega, nada exige e perde respeitabilidade em meio à disputa EUA *versus* China

POR CARLOS DRUMMOND

O gerenciamento da economia brasileira pelo ministro Paulo Guedes como se fosse um banco de negócios empenhado em liquidar sua posição, isto é, vender bens para fazer caixa, além de manter a paralisia da economia que já dura três anos, está próximo do seu limite, sugerem algumas análises. Para finalizar a entrega dos anéis e dos dedos, ou, na versão do governo, as “demonstrações de boa vontade” em relação aos Estados Unidos, só restam no estoque dos principais ativos nacionais os recursos minerais em territórios indígenas protegidos pela Constituição, portanto, interditados. Isso se considerarmos que o manancial do pré-sal, com 75% vendidos para petroleiras estrangeiras até o momento, e as empresas mais avançadas e estratégicas, Embraer e Petrobras, já foram alienados ou estão em liquidação.

A última raspa do tacho, excluídos esses remanescentes, são as concessões de acesso ao mercado nacional, com destaque para a participação da gigante chinesa Huawei, maior indústria mundial de equipamentos de telecomunicação e segundo lugar na fabricação de telefones

celulares, na licitação de 2020 para implantar a quinta geração (5G) de telefonia móvel. A empresa é o alvo central da fúria estadunidense por deter as patentes decisivas da tecnologia 5G, capaz de imprimir velocidade até 20 vezes superior à da atual 4G na transmissão de dados em redes sem fio, o que aumentará de modo exponencial o desempenho de produtos de consumo, aparatos de comunicação e de guerra que funcionam à base de



MICHAEL DEAN E ISTOCKPHOTO



TAMBÉM  
NESTA  
SEÇÃO



pág. 40

**Luiz Gonzaga Belluzzo.**

A economia da  
rigidez cadavérica



**Humilhação.** O governo caiu no conto do apoio de Trump ao ingresso na OCDE e, se não banir a chinesa Huawei, atrairá a ira dos EUA que não cansa de bajular

circuitos eletrônicos, inclusive veículos não tripulados, casas inteligentes e armamento digital de eficácia até hoje desconhecida. Os EUA temem não alcançar o domínio total na área de 5G e receiam a perda da sua hegemonia tecnológica, pois há anos avançam com velocidade inferior à da China em inovação.

O governo dos EUA reconheceu recentemente não ter condições de enfrentar de igual para igual a Huawei ao divulgar que analisa duas opções, financiar empresas europeias do setor como

a sueca Ericsson ou a finlandesa Nokia para ombrear com a chinesa ou desenvolver uma empresa equivalente nos próprios Estados Unidos, plano que esbarra, entretanto, na inexistência de cadeia produtiva local de suprimentos, dizimada com a transferência há décadas de inúmeras indústrias para a China em busca de baixos salários.

**Para os EUA, o apoio do Brasil contra a Venezuela e a Huawei é central**

A Huawei atua no País desde 1998, é a maior fornecedora de equipamentos de telecomunicações às principais operadoras brasileiras, inclusive a TIM e a Oi, que no momento testam sua tecnologia 5G, mas os EUA pressionam o governo brasileiro a banir a empresa. Caso Bolsonaro, com viagem oficial a Pequim marcada para o próximo dia 24, decida aceitar a participação da chinesa na licitação de 2020, o Brasil cairá ainda mais no conceito de Washington, sugere esta análise do professor Oliver Stuenkel, da Fundação Getúlio Vargas: “A importância do Brasil em Washington não depende da retórica pró-Trump de Bolsonaro, mas de benefícios geopolíticos tangíveis que o País possa entregar. Trump quer duas coisas do Brasil: ajuda para derrubar Maduro e auxílio para limitar a influência chinesa na América Latina. Embora a facção antiglobalista do Brasil tenha sugerido que Bolsonaro poderia ajudar com ambas, há uma percepção crescente em Washington de que o Brasil não tem condições efetivas de oferecer muito *vis-à-vis* à Venezuela e à China. A decisão-chave será se o Brasil vai concordar em banir a Huawei da disputa pela infraestrutura 5G de telecomunicações”, disparou Stuenkel nas redes sociais.

**Como a China** é o maior parceiro comercial do País e tanto o vice-presidente, general Hamilton Mourão, como o chanceler Ernesto Araújo asseguraram que a Huawei não será banida, a margem de manobra para Bolsonaro ceder à pressão dos EUA parece estreita. “Se o Brasil não banir a Huawei de participar do processo de construção da rede da próxima geração de tecnologia 5G, como se espera que aconteça, o grande projeto de Bolsonaro de se aproximar dos Estados Unidos estará oficialmente encerrado”, prevê Stuenkel.

A evidência mais recente do prestígio declinante do País nos Estados Unidos,





apesar da escalada de subserviência do governo brasileiro, foi o recuo de Trump no apoio ao pleito de Bolsonaro e Guedes de ingresso do Brasil na OCDE, motivo de enorme frustração em Brasília, visto terem tanto o presidente quanto a equipe ministerial e os bolsominions considerado como certo o presumido acesso ao grupo de 36 países, entre eles os mais avançados, que seria como um troféu comprobatório do ingresso na modernidade.

**A concessão** pelo governo Bolsonaro em março de algo concreto, a abdicação da condição de país em desenvolvimento na Organização Mundial do Comércio, entre outros mimos, em troca da promessa de Trump, que se revelou um blefe, de apoiar o acesso do Brasil à OCDE, escancarou o despreparo e o primarismo da comitiva brasileira. O economista Paulo Nogueira Batista Jr., colunista desta revista, alerta que aderir ao acordo de liberalização dos fluxos de capital da OCDE “retira das mãos do governo instrumentos potencialmente importantes de defesa da economia nacional contra choques financeiros externos. (...) Em vários momentos, a pressão altista sobre

o real decorreu, primordialmente, da superabundância de capitais do exterior. A resposta do Brasil, em especial no período Lula, foi intervir comprando reservas internacionais, o que ajudou a moderar a pressão altista sobre a moeda nacional e, ao mesmo tempo, fortaleceu a segurança externa. No governo Dilma, recorreu-se também a controles seletivos na entrada de capitais, com aplicação do IOF não só no mercado à vista de câmbio, mas também sobre derivativos”, sublinha Batista Jr. no recém-lançado *O Brasil Não Cabe no Quintal de Ninguém*.

A eventual aceitação pelo governo da participação da Huawei na disputa de 2020 será só um subproduto do embate EUA-China, do qual não tem a menor condição de tirar partido com a sua postura de alinhamento automático aos

**Em nove anos, caíram de 33 para 20 as empresas do Brasil entre as maiores do mundo**

**Na contramão.** Entregar a Embraer é o oposto do que fazem os países avançados, todos eles com grandes empresas globais

interesses dos Estados Unidos. Na contramão do que fizeram os países hoje desenvolvidos e os emergentes bem-sucedidos, todos com grandes organizações empresariais globais, os governos pós-golpe de 2016 destacam-se pelo ataque sem precedentes à indústria nacional e às principais empresas brasileiras. Um exemplo é celeridade com que se abriu mão da *golden share*, participação acionária especial que assegurava à União o poder de veto em grandes decisões da Embraer, uma das três maiores fabricantes de aviões do mundo até a sua entrega para a americana Boeing. Outro exemplo é o esmero de Brasília em facilitar a desnacionalização acelerada do pré-sal e o desmanche da Petrobras.

Em consequência do entreguismo desvairado, o Brasil murcha no cenário econômico mundial. Entre 1971 e 1983, o valor adicionado manufatureiro do Brasil era maior que os da Coreia do Sul, da Índia e da China somados, chama atenção o economista Paulo Morceiro, professor da USP, com base em dados da ONU. Hoje o valor adicionado manufatureiro do País é inferior ao da Coreia do Sul, fica abaixo do da Índia e corresponde a uma fração minúscula do da China. Em apenas nove anos, entre 2010 e 2019, a quantidade de companhias brasileiras presentes no *ranking* das 2 mil maiores empresas do mundo, apurado pela revista *Forbes*, caiu de 33 para 20, contabiliza Morceiro.

A condução da economia brasileira segundo os interesses dos EUA contou com a participação destacada da Lava Jato. A operação foi decisiva para a quase extinção das empreiteiras, dos estaleiros e de outros elos da principal cadeia produtiva do País, a de óleo e gás. A suspensão em massa de contratos entre as construtoras acusadas de inidoneidade



e os governos federal, estadual e municipal por até quatro ou cinco anos, sanção inédita no mundo, quebrou o setor, que acaba de perder a liderança na América Latina para o Chile, registrou o economista Paulo Gala, com base em levantamento periódico da revista *Construção Latino-Americana*. A participação brasileira medida pelos faturamentos brutos das construtoras convertidos para o dólar, utilizando-se a média anual da flutuação da moeda estadunidense, caiu de 36,5 bilhões de dólares em 2015, considerado o exercício de 2014, para apenas 5,44 bilhões neste ano, com base nos dados de

**Alta velocidade.** O governo estimula a entrega acelerada do pré-sal e o desmonte da Petrobras, a maior empresa do País

2018. O Chile conseguiu gerar 6,06 bilhões em 2018, na soma dos faturamentos brutos de 11 empresas que figuram entre as 50 maiores da América Latina.

**No esforço ilimitado** para entregar o Brasil ao capital estrangeiro o governo programa a abertura de contas em dólar, empreitada temerária recebida com objeções por vários economistas e empresários. O plano do Banco Central ignora a hierarquia entre as moedas nacionais dos diversos países na arena das transações concretas do mercado financeiro e do comércio internacionais e assim faz lembrar da manobra do Plano Real, que liquidou a inflação ao preço altíssimo de valorizar a moeda nacional, elevar os juros à estratosfera e com isso abater indústria, serviço retomado por Temer e Bolsonaro.

Tudo somado, o Brasil é considerado hoje “o caso mais agudo de desindustrialização prematura, pois apresentou a maior diminuição da parcela industrial no PIB entre os países que começaram a se desindustrializar com renda *per capita* abaixo de 20 mil dólares em Paridade de Poder Compra, nível de renda por habitante que separa a desindustrialização normal da prematura”, anotam Paulo Morceiro e a economista Milene Simone Tessarin, professora da USP, no trabalho intitulado *Desenvolvimento Industrial em Perspectiva Internacional Comparada*. A desindustrialização prematura é fenômeno de causas múltiplas e enfrentamento complexo, mas a dupla Temer-Bolsonaro fez por merecer o galardão de continuadores da obra do precursor FHC. •



EDISON VARA/PRESSPHOTO

